

ÍNDICE

Prefácio	II
Prólogo.....	13
Filho pródigo.....	15
A revolução arrábida de Ruy Ventura.....	19
Setenta	23
Comarca.....	27
Do lado esquerdo	31
<i>Derby</i>	35
Pagão.....	41
Concerto	47
Desafio	51
Convite	55
Colosso	59
Lad.....	65
Paris, Texas	71
<i>A Arte de Ser Sesimbrense</i>	75
Chocolate.....	81
Cerejas	87
Depósito	91

Vale	95
Worten nunca	99
Deste lado do mar de Sesimbra.....	105
Museu	111
Grande noite, ó mestre!	115
Sábado	119
Singular.....	123
Coincidências.....	127
Gilberto Pinhal e o milagre de <i>Alalaia</i>	133
Epílogo.....	143
Francisco ou o imenso adeus (<i>apostila</i>).....	145

PRÓLOGO

O título deste livro provém inteiramente de uma frase do filósofo e escritor Orlando Vitorino. O leitor encontrará a explicação da sua origem na crónica homónima do volume, uma das vinte e cinco aqui reunidas, originalmente publicadas no mensário sesimbrense *Raio de Luz*, entre Abril de 2014 e Outubro de 2016, e agora sujeitas à intervenção mínima de uma revisão somente destinada ao expurgo de erros ou à inscrição de retoques pontuais, crivo sem outro propósito que não seja o de sarar feridas de composição ditadas pela urgência da periodicidade. É José Régio quem, numa carta para Álvaro Ribeiro, ensina que *sempre um livro poderia vir a ser mais bem escrito*. Tal será, pois, também o caso deste; e o seu autor julga ter feito bom uso daquela lição ao não sujeitar a recolha a uma ânsia perfeccionista sempre passível de desfigurar ou desvirtuar o impulso original e autêntico de uma escrita naturalmente episódica, circunstancial ou anedóctica.

Não está, porém, o cronista impedido de reconhecer que os artigos assim feitos desfilar pela ordem cronológica da sua publicação, se não chegam a entretecer um pano de fundo inconsútil, surgem, porém, cerzidos pelo fio do horizonte diuturnamente entrevisto *deste lado do mar de Sesimbra*, linha para pespontos e debruns por quem, não raro, ousou passar a salto a fronteira do quotidiano em resposta ao apelo irresistível de um pretérito tantas vezes imperfeito. E daí que aos textos dados de antemão à letra de forma nas páginas de um jornal se tenha vindo juntar o de uma palestra ainda inédita, proferida em 2019, a convite da Liga dos Amigos de Sesimbra, sobre o malogrado poeta sesimbrense



A REVOLUÇÃO ARRÁBIDA DE RUY VENTURA

Que os livros se não medem aos palmos vem agora demonstrá-lo *O Eixo e a Árvore: notas sobre a sacralização do território arrábido*, de Ruy Ventura, que traz a marca da Apenas Livros, e que tive a honra e o grato prazer de apresentar, aquando do seu lançamento em Fevereiro último, na Sala José Afonso da Casa da Cultura de Setúbal. É um denso, belo e breve ensaio perpassado pela luz intensa da novidade, a que o autor comunicou o fulgor da sua escrita, celebrado por uma obra poética prestes a ser antologizada no Brasil, e onde sobressai o mais recente título, *Contramina*, que ainda este ano será vertido para o castelhano com a prestigiada chancela madrilena da Amargord.

Mas Ruy Ventura, nome há muito ligado ao concelho de Sesimbra (onde leccionou durante alguns anos), revela-se-nos também um lídimo e ousado investigador nos domínios da literatura (quer a erudita quer a tradicional), da arquitectura e da etnologia religiosas, e da toponímia, que concerta transversalmente. Agora, em *O Eixo e a Árvore*, veio operar uma revolução copernicana no olhar que usualmente temos a formar de uma região, presos que estamos ao sortilégio do *dorso formidável da Arrábida*, conforme Raul Brandão, de rota batida para a *Piscosa*, a pudera celebrar n'*Os Pescadores*.

Na senda de Orlando Ribeiro, Ventura vai muito além da parcela, tão imponente quanto restrita, que Sebastião da Gama designou belamente por *Serra-Mãe*, restituindo todo um território situado a poente e a norte das montanhas à sua integridade primordial. Não será todavia aqui que mora a admirável originalidade deste ensaio poliédrico, em



que o autor cruza, aliás, saberes e lições de outros, de Manuel Calado e Paulo Pereira a Luís Marques e Moisés Espírito Santo. Mas, nascido do espanto, o seu estudo reclama também para si o halo da filosofia; e, procurando unir o que está disperso, emprega uma metodologia própria do hermetismo, ao lançar mão das correspondências e das analogias.

A ideia fundamental é a de que há um grande mito original e perdido, que encerra, como um mistério, a essência espiritual da Arrábida, e de que até nós chegaram apenas alguns ecos refractados em lendas.

Este mistério é inalcançável, por se tratar de algo a que, com Sam-paio Bruno, poderíamos chamar *uma verdade que está acima da razão*. Mas o autor entende, e muito bem, que essa verdade pode e deve ser perseguida. E isso explica, a meu ver, a estrutura expositiva surpreendida neste seu livro, que se rege por uma construção espiralada ascensional, segundo a lei das coincidências. *Coincidência*, como ensina António Telmo, não significa *acaso*, segundo de ordinário se supõe, mas *incidência no mesmo ponto*. Como o movimento espiralado é aqui, por força, ascensional, teremos de lhe situar o ponto fixo inalterável na ordem da longitude, e a mudança nos graus da latitude. A esta ascese, que cinge mais e mais de perto uma realidade ainda e sempre inalcançável, convém, na pureza etimológica, o nome de *anagogia* (*conduzir para o alto*). E talvez se possa mesmo dizer que este é um livro sobre a anagogia da Arrábida, fazendo a hermenéutica do seu espaço e dos sucessivos actos humanos que, ao longo de milénios, a têm sacramentado.

Procedendo com crença metódica, na senda de um Álvaro Ribeiro, Ventura vê-se agraciado por uma revelação imaginal, e, com absoluto rigor topográfico, descobre no vale de Sesimbra (definido em suas vertentes pela serra da Achada, a que o primitivo castro está associado, e pelo morro do castelo) o eixo crucial e arbórescente da recta em que a região se extrema, e que tem por pólos as duas ermida da Memória, a do Espichel e a da Arrábida, numa homonímia que, fecundamente, logo se lhe constitui como homologia.

A centralidade espiritual de Sesimbra surge depois demonstrada, uma oitava acima, pela etnologia religiosa: dá-se o caso de a imagem do Senhor Jesus das Chagas, protector dos pescadores sesimbrenses, se não deslocar a outros santuários; mas, em compensação, surpresos ou não, vemos na procissão de 4 de Maio (porventura a mais grandiosa e imponente



PAGÃO

Quando as notas inaugurais do *Concerto número 9 para Piano e Orquestra* soaram a vez primeira no velho sótão da Quintinha sucedeu em mim a comoção súbita e imprevista do ingresso num mundo novo, a mesma que tantas vezes tenho sentido ao dobrar, pela manhã, a derradeira curva de Argéis, quando a pasmosa majestade da baía de Sesimbra se nos oferece ao renovo do espanto.

No estridor do atrito, a vitrola fritava; mas o prato do vinil foi ban-deja de iguarias que jamais voltei a degustar. Creio bem que o fulgor imponente de um mito se instaura unicamente nestes instantes primordiais, interstícios de um sortilégio insondável, como quando o relâmpago corisca na iminência do trovão. Suspenso além do tempo, o mundo detém-se então; e o raio que o céu assim desfere é uma seta despedida ao coração.

Certo que o sótão da Quintinha não será tão antigo quanto aqui o faço crer ao leitor amigo; mas, nas partidas dobradas pelas contas da minha memória, lanço-lhe agora a crédito a marca austera da etiqueta Erato, o garbo galante e gentil de uma tela rococó com suas raparigas em flor, certo aparato de informes iluminando quem escuta, tudo o que naquela bela capa da editora Dacapo operava harmônico prodígio pelo concerto da vista com o ouvido.

Quando, vai para uns quinze anos, encetei a minha coleção de música erudita em discos compactos, inaugurei-a com uma integral dos *Concertos*, interpretada e dirigida, a um só tempo, pela verve magiar do magistral Géza Anda, sob a égide selecta da Deutsche Grammophon. Mas são ainda os dedos de Maria João Pires que, na Quintinha, me percorrem as páginas amarelas de uma lembrança já delida pelas horas...



Por estes dias de Inverno que o Setembro bisonho nos antecipou, bem gostaria eu de ter perguntado ao Carlos Otero que lugar ocupa deveras o excelente *Jeunehomme* no afã devocionário do seu apostolado mozartiano. Mas o Carlos, desta feita, como de tantas outras, veio de fugida, mais por mor de Franz Schubert, que num destes domingos foi celebrar à Regaleira na companhia do pianista Paulo Oliveira; e o almoço fugaz na Baixa lisboeta deixou o ponto por esclarecer.

Tanto quanto sei, o Carlos vai mais pelo *Concerto para Clarinete e Orquestra*, que não deixa nunca de incluir na sua “missa de Gottlieb”, se é justo que assim nomeie o fervor religioso com que propaga a crença sem quebranto no génio supremo de Wolfgang Amadeus Mozart. Mas o *Jeunehomme*, nono pelo nove que na lição de Dante revela o novo, é que me enche todas as medidas. Dubitativo embora, Charles Rosen aponta-o como a primeira obra-prima inequívoca do estilo clássico; Brendel, esse monstro das teclas, reputa-o entre as maiores maravilhas que há no mundo; e Alfred Einstein vê nele a *Eroica* de Mozart, em alusão evidente à Terceira Sinfonia de Beethoven.

No confronto dos génios rivais, o meu coração, claro está, volta a pender para o lado esquerdo. Evoco o divino surdo de Bona logo depois de este saber que Napoleão, traindo a Revolução, se proclamara Imperador. Imagino-o num impulso de cólera, riscando a dedicatória que, na partitura da sua *Eroica*, havia feito ao corso intrépido, de pronto a substituindo pela acrimónia de um epítáfio mordaz: *À memória de um grande homem*. Tremendo Ludwig, este! O mesmo que, perante um qualquer príncipe Lichnowski, ousa proferir, no auge da insolência, as célebres palavras imortais: *Príncipe, o que és, és accidentalmente por nascimento; o que eu sou, sou por mim mesmo. Príncipes existem e existirão aos milhares, Beethoven há apenas um*.

Eis porque entre mim e o Carlos Otero desde cedo se instalou, presa a uma dúvida inquietante, a mais benévolas e divertida contenda que imaginar se possa. E, por isso, ainda hoje disputamos, cada qual em seu campo, a primazia do génio para os dois gigantes do nosso contentamento.

Há tempos, quando o Carlos, sempre com vista para a Califórnia, estacionou na *Piscosa* para a costumada vilegiatura nos meses que abrem o Estio, alvitrei-lhe que este nosso despike poderia muito bem ser visto como mais um daqueles prélios imaginários entre Benfica e Sporting

